

ALÉM DO LOGOS: ANÁLISE DA INFOCOMUNICAÇÃO À LUZ DA INTERDEPENDÊNCIA LÓGICA, ESTÉTICA E ÉTICA A PARTIR DA BIBLIOPSIKOLOGIA¹

BEYOND THE LOGOS: ANALYSIS OF INFOCOMMUNICATION IN VIEW OF LOGICAL, AESTHETIC AND ETHICAL INTERDEPENDENCE FROM BIBLIOPSYCHOLOGY

Claudio Paixão Anastácio de Paula²
Fernanda Valle³
Amanda Salomão⁴

Resumo: Este estudo, de base teórico-ensaísta, discute a interdependência das dimensões lógica, estética e ética nos atos infocomunicacionais, especialmente mediados pelas plataformas digitais. É motivado pela circulação e apropriação de informações desinformativas sobre as universidades públicas e a ciência brasileiras como exemplos da produção discursiva em disputa, material e simbólica, na contemporaneidade, no fenômeno denominado desinformação digital em rede. Parte do uso público da razão pelo Estado na produção de discursos oficiais para discorrer sobre os dilemas epistemológicos do informar apoiado na transversalidade do objeto informação. Sustenta a hipótese de que a ilusão de um *logos* desprovido de *pathos*, disseminado na ontologia e epistemologia ocidentais estabelece o afastamento da complexidade conceitual das noções de informação e conhecimento na e para a constituição do comum. Fundamenta-se na perspectiva sociocrítica de conhecimento e de conhecimento registrado para propor um diálogo entre os campos da Ciência da Informação, da Comunicação Social e da Psicologia a partir das ações educacionais e as cinco leis da bibliopsicologia elaboradas pelo teórico e bibliotecário russo Nicolas Roubakine (1862-1946). Os resultados indicam que as iniciativas do autor, ao enfatizarem a passagem do estético ao ético como acesso ao lógico, evidenciam a dimensão afetiva e emocional como

¹ Texto submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXIV ENANCIB.

² Doutor em Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: claudiopap@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9587-2191>.

³ Doutora em Ciência da Informação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). E-mail: fvallegalvao@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4156-027X>.

⁴ Doutoranda em Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (PPGCI IBICT) /Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: amandachrisalomao@msn.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0663-2055>.

elemento chave da racionalidade, mormente ignorada na ontologia ocidental centrada no *logos*, descortinando, assim, aproximações teóricas com estudos emergentes em Ciência da Informação.

Palavras-Chave: Desinformação. Nicolas Roubakine (Rubakin). Bibliopsicologia. Circulação da informação. Epistemologia da Ciência da Informação.

Abstract: *This theoretical-essayistic proposal discusses the interdependence of the logical, aesthetic and ethical dimensions in infocommunication acts, especially those mediated by digital platforms. It is motivated by the circulation and appropriation of disinformation about Brazilian public universities and science as examples of the discursive production in dispute, material and symbolic, in contemporary times, in the phenomenon known as digital disinformation in the network. It starts from the public use of reason by the State in the production of official discourses, to discuss the epistemological dilemmas of informing based on the transversality of the information object. It supports the hypothesis that the illusion of a logos devoid of pathos, disseminated in Western ontology and epistemology, establishes the distancing of the conceptual complexity of the notions of information and knowledge in and for the constitution of the common life. It is based on the socio-critical perspective of knowledge and registered knowledge to propose a dialogue between the fields of Information Science, Social Communication and Psychology based on educative actions and the five laws of bibliopsychology developed by the Russian theorist and librarian Nicholas Rubakin (1862-1946). The results indicate that the author's initiatives, by emphasizing the passage from the aesthetic to the ethical as access to the logical, highlight the affective and emotional dimension as a key element of rationality, especially ignored in Western ontology centered on logos, thus revealing theoretical approaches with emerging studies in Information Science.*

Keywords: Misinformation. Nicholas Rubakin (Roubakine). Bibliopsychology. Circulation of information. Epistemology of Information Science.

1 INTRODUÇÃO

“O ser humano é movido pelos imaginários que engendra” [...] “o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor”

Juremir Machado da Silva (2003).

Em uma perspectiva materialista histórica, o chamado ideal é constituído pela racionalidade coletiva a partir das condições materiais de existência mutantes no processo histórico. Significa dizer que o princípio ordenador do real não está no *eidos* platônico ou na *morphé* aristotélica, mas na relação dialética do trabalho humano interventor, mediador e, por sua vez, mediado pelo mundo – um mundo objetivo e em construção intersubjetiva em ciclo constante. Dessa

forma, parte-se da noção de conhecimento como fruto da relação entre o homem e a natureza, submetida às relações de trabalho (Mostafa, 1986). Em outros termos, o conhecimento não se traduz em essência extrassensível, ou simples evidência objetiva, mas é tecido em relações diversas, entre as quais, relembra Mostafa (1986), de necessidade e interesse.

À problemática do conhecimento, com os dilemas das faces ontológica, lógica e política da racionalidade que nos acompanham desde os pré-socráticos, Marx e Engels (2001, p. 19) asseveraram: “[...] ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui e da terra que se sobe ao céu”, pois “mesmo as fantasmagorias existentes no cérebro humano são sublimações resultantes necessariamente do processo de sua vida material, que podemos constatar empiricamente e que repousa em bases materiais”. Tendo em vista a circulação informacional contemporânea, mediada por plataformas sociotécnicas digitais, a questão de pesquisa parte das inquietações sobre a produção discursiva desfavorável à educação pública e à ciência brasileiras, especialmente no âmbito das universidades, conforme documentam Rezio e Silva (2020), Tomás, Tomás e Andreatta (2020), Accioly, Nascimento e Costa (2022), Ares *et al.* (2022) e Sinhoretto (2022). Especificamente, advém dos atos infocomunicacionais e ideológicos (Silva, 2021) expressos e mediados na opacidade algorítmica das redes *online*, financiadas por conglomerados econômicos, onde indivíduos e instituições produzem e se apropriam de informações falaciosas, criando, conforme Schneider (2022), a desinformação digital em rede (DDR). Assim, propõe a seguinte reflexão: quais são os dilemas das instituições públicas para o enfrentamento dos ataques sistemáticos recebidos e quais relações guardam com o uso público da razão pelo Estado e da produção de discursos oficiais? A

partir da premissa das contradições existentes no real e de que o “homem é um ser de relações, não só de contatos” (Freire, 1967, p. 39), sustenta-se, aqui, que a aparente incapacidade de resposta se encontra na ilusão de um *logos* desprovido de *pathos*, disseminado na ontologia e epistemologia ocidentais. Ao ignorar os afetos que conduzem à verdade, se estabelece o afastamento de sua complexidade conceitual na constituição do comum na *pólis* (Debetto; Menezes; Saldanha, 2022) em um dado espaço-tempo.

Contrariando a primazia da razão e o ideal iluminista fundante da Ciência da Informação (CI), a crescente adesão a crenças contrárias ao bom senso, aos fatos e às evidências científicas revela o solo aristotélico da retórica, “uma combinação da ciência da lógica com a parte política que se relaciona com os costumes” (Aristóteles, 2011, p. 57), cuja centralidade está na verossimilhança e na persuasão pautada na ressonância afetiva. Enquanto as instituições organizam o discurso oficial com apelo à sustentação racional dos fatos (informação lógica concebida de acordo com a *episteme* do Ocidente) (Oliveira, 2014; Sotello; Hack Neto; Damke, 2018; Lelis; Carvalho, 2023; Souza, 2023; Cristo, 2024), a crise opera por mecanismos emocionais (informação estética) para gerar um conjunto de comportamentos (informação ética) de retroalimentação narrativa. Conforme Aristóteles (2011), não basta ter a intenção de instigar determinada paixão (emoção) na audiência, mas investigar qual é a disposição da pessoa para a emoção desejada, com que pessoas ou perfil de pessoas essa emoção é suscitada e quais são as motivações individuais e/ou coletivas para essa emoção. No real concreto, as motivações são um novelo complexo dimensionado, também, pelo tempo: “o homem existe — *existere* — no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga,

emerge dele”, disse Freire (1967, p. 41) em “Educação como prática da liberdade”. O que leva, então, alguém a pensar, a sentir e a agir de um modo e não de outro em relação ao conhecimento registrado, *locus* epistêmico deste estudo? Não há resposta definitiva, nem proposta única.

No contexto do jornalismo, em 1910, por exemplo, Max Weber (2002) frisou a necessidade de investigar as influências da leitura jornalística no cérebro humano, pois o fato de o homem moderno ter por hábito novo “alimentar-se com um cozido que lhe impõe uma espécie de caça por todos os campos da vida cultural” (Weber, 2002, p. 192), não seria um assunto insignificante, especificamente para a construção do “sentimento de viver” (Weber, 2002, p. 193). Na esteira da Comunicação Social, da teoria da agulha hipodérmica às teorias emergentes das mídias digitais, o campo vive as tensões e contradições acerca das informações produzidas atravessadas pelos interesses dos veículos, que detêm o controle técnico dos meios, e a função social e educativa da informação, atravessada pela publicidade e pela indústria cultural (Adorno; Horkheimer, 1985; Williams, 2016).

Os dilemas informacionais contemporâneos, norteadores deste ensaio, atualizam e ampliam as inquietações de Weber (2002), por meio da prolífera produção científica sobre desinformação, autoengano e infodemia (tais como Froehlich, 2017, 2019; Schneider, 2022), e a função ampliada da comunicação organizacional preconizada por Kunsch (2003). Ao mesmo tempo, tendo em vista a dimensão temporal alertada por Freire (1967), propõe um salto para o passado, em um gesto de compreensão de outra historiografia da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Nesse contexto, apresenta um diálogo com a Bibliopsicologia, idealizada pelo bibliotecário e educador popular russo Nicolas Roubakine (Nikolai Rubakin, 1862-1946), para discutir as dimensões lógica, ética

e estética dos fluxos informacionais. Para Roubakine (1998), tratava-se de uma ciência sobre os discursos cristalizados em interlocução com seus leitores – seres jamais passivos. Esta integração temática e metodológica entre várias áreas, especialmente, Comunicação Social, Ciência da Informação e Psicologia, busca reafirmar a inter e transdisciplinaridade do objeto “informação” (Adams, 2003; Pinheiro, 2006; Barzegar; Taqavi; Shafiee, 2021) e a presença, transversalidade e o protagonismo da CI em dilemas passados e contemporâneos a partir de outra historiografia e da complexidade do imaginário social.

2 INFORMAÇÃO: LÓGICA, ESTÉTICA E ÉTICA: A QUE PÚBLICO SE DESTINA?

Parte-se da premissa de que a informação é propriedade básica das relações estabelecidas entre os sujeitos e o universo como um todo (Stonier, 1996), uma percepção que se contrapõe à abordagem mais convencional para a comunicação de informações. O reconhecimento da linguagem como elemento primaz do entendimento no ato comunicativo produz uma tendência a privilegiar essa dimensão lógica do processo e a ignorar a sua dimensão informacional estética – território do jogo afetivo entre percepções, sentimentos e valores: insumos do sujeito ativo da comunicação. Frequentemente se ignora que é na dimensão ética das interações com a informação que se estabelece a conjunção entre as dimensões lógica e estética determinantes da relação humana com o conteúdo informado e possibilitadora das representações (perspectivas lógicas e estéticas individuais) que norteiam e deflagram as ações sociocomunicacionais dos sujeitos socialmente situados.

Instituições públicas desenvolvem estratégia de comunicação organizacional referenciada em princípios estabelecidos, como o da impessoalidade, para responder ao público geral - em última instância, a totalidade da sociedade (Haswani, 2023) dentro de uma perspectiva de interpretação lógica da informação que considera a linguagem o elemento essencial do entendimento no ato comunicativo, em detrimento aparente à abordagem estética. Assim, ao adotarem uma dada forma discursiva, participam em níveis diferentes do jogo afetivo entre percepções, sentimentos e valores, menos evidentes daqueles utilizados por cidadãos comuns ou instituições de outras naturezas, focalizadas em fomentar, explicitamente, as percepções e emoções dos indivíduos.

Para Huddy e Gunnthorsdottir (2000), Bruderman (2016), Bhandari, Chang e Neben (2019) e Cupchik (2020), a subjetividade humana tende a localizar suas escolhas éticas sobre em que mundo desejam viver prioritariamente em bases afetivas (estímulo estético), e menos em bases meramente retóricas (que, por melhores que sejam os argumentos utilizados, apelam preferencialmente para uma dimensão lógica da interação social e infocomunicacional). Sustenta-se, assim, que tais dimensões (lógica, estética e ética) devem ser discutidas dialógica e dialeticamente (Agnati *et al.*, 2007; Kiryushchenko, 2011), aproximando-se do pensamento freiriano de que, sendo animais de relações e não de contato, o ser humano é um ser de integração e reflexão, não de simples ajustamento, adaptação ou acomodação (Freire, 1967).

Cada representação de mundo é dependente do movimento que os sujeitos executam ao viverem nele, isto é, orienta a leitura do mundo (Freire, 1989). Quando argumentos divergentes desse sistema estético-ético perceptivo e axiomático construído são apresentados, soam como questionamentos às

crenças basais e são percebidos como ataque às expectativas individuais, construídas, também, ideologicamente, pois a ideologia, paradoxalmente, “[...] funciona como um ato de comunicação de mão única: o iludido recebe pronta uma visão de mundo sem poder, em princípio, a ela responder, pois os indivíduos ignoram a situação ideológica na qual se encontram dominados” (Silva, 2021, p. 52).

Essas crenças ou comportamentos inconsistentes produzem um estado de desconforto interno individual, cuja origem está em uma percepção interna relacionada à diferença entre decisão e escolha, onde o fato de alguém gostar de algo entra em conflito com a fraqueza dos argumentos utilizados para justificar a preferência por esse mesmo objeto de apreço (Festinger; Riecken; Schachter, 1964; Fransen; Smit; Verlegh, 2015). No contexto do acesso à informação, existe um engano em propor argumentos baseados na pressuposição de uma clareza dentro da perspectiva científica se não há letramento científico, ou compreensão intercultural da histórica exclusão social aos espaços do fazer científico que impossibilita o estabelecimento de um vínculo afetivo com ele (um vínculo valorativo e, portanto, estético) capaz de despertar agência humana e moral (Gai *et al.*, 2022) nos indivíduos tanto a partir quanto em boa relação com a ciência.

O fundamento para a organização de uma dada realidade se baseia em dois movimentos fundamentais: a atribuição de causalidades às coisas e a categorização dessas mesmas coisas em grupos que facilitem a sua compreensão (Aronson, 1986; Miller; Saucier, 2018). Criam-se, desse modo, padrões de generalização, um fenômeno natural formado a partir do contexto em que o indivíduo vive e que é modelado pelo repertório de experiências que ele dispõe. Assim, são geradas confirmações ou discriminações a partir de “provas”

encontradas no ambiente. Desse modo, uma atribuição pode ser reforçada pela causalidade e aprisionar as pessoas em discriminação simplista em que essa construção, dependendo do repertório desse indivíduo e do tempo de contato que tem com variantes divergentes da sua experiência inicial, se torne cada vez mais fácil de se confirmar e, conseqüentemente, mais difícil de desconfirmar.

Assim, os dois tipos de atribuição possíveis se constroem: um onde se atribui uma característica interna (disposicional) ao indivíduo – um efeito individual; e outro onde se atribui uma causação externa (situacional) através da qual o indivíduo é julgado pelo ambiente onde ele se insere – efeito grupal. Desse modo, os estereótipos são formados através de atribuições e pela categorização delas, mediadas e reforçadas pela produção discursiva de grupos heterogêneos com um objetivo comum: deslegitimar o que é público. O contexto informacional de fomento às “bolhas” (Pariser, 2012; Schneider, 2022) não facilita essa desconstrução. Na dimensão psicológica, quando questionada em suas crenças, uma pessoa estabelece uma relação de proporção entre um evento (a situação modelo que ela experienciou, que ela conhece bem e ao qual atribui determinadas características) contra o universo total de eventos que (mesmo apresentados segundo um discurso lógico solidamente embasado) estão distantes da sua experiência (aos quais atribui um valor diverso). Assim, generaliza o sentimento positivo de sua experiência para atribuir verossimilhança a todos os eventos e possíveis situações (incluindo-os dentro da mesma categoria) e atribui a qualquer perspectiva crítica um valor negativo. Desse ponto em diante, acontece uma atribuição de plausibilidade aos argumentos que confirmam essas crenças e de implausibilidade aos argumentos que as negam. Na dimensão da economia política da informação e da comunicação, há o cercear da liberdade na medida em que interesses

particulares se sobrepõem ao direito às fontes e definem quais delas (e como) estarão disponíveis para acesso da pessoa leitora. Para a pedagogia freiriana, quando ao sujeito é imposto restrições que o submetem a “prescrições alheias” perde a capacidade de integração e adapta-se. O integrar, em Paulo Freire, corresponde à interação com a realidade acrescida da liberdade para transformação dessa mesma realidade – um dos pré-requisitos da criticidade. Ao perdê-la, na visão de Freire (1967), o sujeito se ajusta, modificando a si mesmo para adaptar-se à realidade e não para modificá-la (um dos mecanismos da dominação).

A capacidade de contágio desses conteúdos se deve não somente à manipulação e à falsificação de informações lógicas, estéticas e éticas sob a forma de mensagens culturais mentirosas que seduzem as pessoas, mas, segundo Leal-Toledo (2013), também ao fato de o próprio aparato cognitivo ser o elemento que leva os indivíduos a escolherem entre qual informação aceitar e reproduzir e o que não reproduzir. O aparato cognitivo é só parte do ambiente ao qual um conteúdo informacional deve se adaptar para se propagar. Ao contrário do que muitas vezes se poderia supor quando se estabelece uma comparação do conteúdo informacional (seja ele desinformativo ou não) com um vírus que, assimilado pela mente, um conteúdo não domina e se sobrepõe a outros ignorando as capacidades cognitivas individuais: ele “domina” por causa dessas capacidades. Se os indivíduos não tivessem predileção por determinados conteúdos, todos os conteúdos teriam a mesma chance de se serem incorporados ao patrimônio cognitivo de um indivíduo e de se multiplicarem a partir desse aparelho, sugerindo a hipótese, ainda a ser verificada, de que o processo se dá a partir da utilização de uma chave estética que as faz serem assimiladas pelos sujeitos através de mecanismos análogos ao do modelo

biológico chave-fechadura que permite a invasão das células a partir de organismos virais. Por predileção, podemos entender uma das facetas da formação da personalidade que, mais uma vez, é interpretada sob diferentes abordagens. Nesse estudo, compreende-se, tal qual Lev Vygotsky (1991), as estruturas mentais, biológicas e afetivas dialeticamente vinculadas à socialização.

A proposta aqui é a de que se faça a interrupção desse ciclo através de dois caminhos interventivos: a “inoculação preventiva de mensagens” - inspirada por Compton (2013) e Cook, Lewandowski e Ecker (2017), entre outros - também de teor estético e de uma intervenção baseada no modelo de persuasão proposto por McGuire (1989). Não se trata, entretanto, de uma outra versão da agulha hipodérmica.

Acredita-se que uma abordagem do jogo interativo entre as dimensões lógica, estética e ética da informação pode ser enriquecida por abordagens que analisam não apenas a disseminação de informação, mas também o desenvolvimento de mecanismos de resistência à desinformação e as dinâmicas de persuasão (numa espécie de contra persuasão).

A teoria da inoculação, conforme descrita por Compton (2013) e discutida e desenvolvida por Compton *et al.* (2021), explora como a exposição preventiva a informações desafiadoras em versões enfraquecidas pode fortalecer a resistência contra argumentações falaciosas no futuro. Segundo essa perspectiva, existem duas modalidades principais para essas ações: a **inoculação profilática** e a **inoculação terapêutica**. Essas abordagens se baseiam na analogia médica, segundo a qual a resistência a influências persuasivas pode ser construída de forma semelhante à imunização contra

doenças, prevenindo ou tratando exposições a conteúdos persuasivos prejudiciais.

A **inoculação profilática** é a forma mais convencional de intervenção e tem caráter preventivo. Seu objetivo é fortalecer as crenças e atitudes desejáveis antes que sejam desafiadas por contra-argumentos persuasivos. Essa abordagem envolve a exposição prévia a versões enfraquecidas de mensagens adversas, permitindo que os indivíduos desenvolvam aquilo que os autores chamam (metaforicamente) de “anticorpos mentais” que os tornem mais resistentes a futuros ataques persuasivos. Os principais componentes dessa modalidade incluem:

- a) O momento do **aviso prévio**, onde o público é alertado de que suas crenças podem ser atacadas;
- b) Seguido pela **exposição a um desafio atenuado**, quando são apresentadas versões atenuadas ou enfraquecidas de argumentos falaciosos;
- c) Finalmente, a **contra-argumentação**, onde o público recebe (ou constrói, sob a forma de exercícios) refutações a esses argumentos enfraquecidos, fortalecendo sua resistência futura.

Essa modalidade, destacam os autores, tem sido amplamente aplicada em campanhas de saúde pública, combate à desinformação e resistência a *fake news*, e tem produzido resultados positivos na mitigação do impacto de narrativas manipulativas.

Já a **inoculação terapêutica**, tem um caráter corretivo. Ela é utilizada quando a pessoa já foi exposta e persuadida por uma narrativa enganosa, buscando reverter crenças e atitudes indesejáveis. Essa abordagem parte do princípio de que, assim como vacinas terapêuticas podem tratar infecções já

adquiridas e gerar imunidade contra futuras exposições, a inoculação terapêutica pode ajudar a corrigir desinformações internalizadas e prevenir recaídas. Os principais mecanismos dessa abordagem incluem:

- a) O **reconhecimento da exposição a informações enganosas**, quando o público é levado a refletir sobre suas crenças e perceber que pode ter sido influenciado por informações falsas;
- b) A **desconstrução de narrativas enganosas**, onde se apresentam evidências refutando a desinformação previamente absorvida;
- c) Finalmente, o **reforço de crenças corretivas**, onde se desenvolve um processo que culmina no fortalecimento de novas crenças baseadas em fatos, reduzindo a vulnerabilidade a novas tentativas persuasivas.

Essa abordagem tem sido aplicada, segundo Compton *et al.* (2021), em estratégias contra a hesitação vacinal, onde indivíduos que já foram influenciados por desinformação sobre vacinas passam a ser expostos a argumentos corretivos que os ajudam a modificar suas percepções errôneas.

Embora distintas em sua abordagem, as duas modalidades de inoculação são complementares. A inoculação profilática é ideal para proteger crenças antes que sejam atacadas, enquanto a terapêutica atua na reversão de crenças já afetadas. Ambas compartilham a premissa de que desafiar suavemente as crenças individuais pode gerar uma defesa cognitiva contra tentativas futuras de persuasão mais eficiente que a sua simples refutação através de um contra-ataque direto.

Por outro lado, McGuire (1989) delineou, várias décadas antes, um modelo de persuasão que pode ser resgatado para complementar essa discussão através da proposição de ações desenvolvidas com base no exame dos fatores que influenciam a recepção e aceitação de mensagens persuasivas. O modelo

descreve doze etapas que uma mensagem percorre desde sua apresentação até a aceitação comportamental, diferenciando entre rotas centrais e periféricas de processamento de informação.

Bator e Cialdini (2000) apresentam as 12 etapas do Modelo de McGuire, estruturadas como subetapas de resposta consecutivas no processo de persuasão. São elas:

1. Exposição: que propõe que o público deve ter contato com a mensagem;
2. Atenção: que destaca que a mensagem deve captar a atenção do receptor;
3. Compreensão: que enfatiza que o receptor precisa entender o conteúdo da mensagem;
4. Aceitação: que ressalta que a mensagem deve ser aceita como válida;
5. Armazenamento na Memória: que aponta que a informação deve ser retida para uso posterior;
6. Recuperação da Informação: o receptor precisa ser capaz de lembrar a mensagem quando necessário;
7. Decisão de Ação: onde o receptor deve passar a pautar suas decisões (decidir agir) com base na mensagem;
8. Atuação: onde o comportamento deve ser modificado ou iniciado conforme a mensagem sugere;
9. Reforço da Ação: destaca que é necessário serem criadas condições para que o comportamento ser reforçado para garantir sua continuidade;
10. Atitude Persistente: a mudança comportamental deve ser sustentada ao longo do tempo;
11. Consolidação da Atitude: enfatiza a incorporação do novo comportamento, onde ele se torna parte da identidade do indivíduo;

12. Defesa contra Contra-argumentos: onde, finalmente, o receptor deve ser capaz de resistir a influências contrárias.

Essas etapas basilares do modelo de persuasão de McGuire (1989) têm sido amplamente aplicadas ao planejamento de campanhas comunicacionais e, mais recentemente, em estratégias de resistência à desinformação (Bator; Cialdini, 2000).

A proposta de utilização da teoria da inoculação, como apontado acima, é preparar as pessoas para a potencial desinformação, expondo-as antecipadamente a algumas das falácias lógicas inerentes às comunicações enganosas considerando que elas posteriormente sejam capazes de reconhecer e rejeitar argumentos falhos como enganosos. Já o recurso a ações inspiradas no modelo de McGuire, busca fornecer diretrizes específicas para auxiliar na criação e no design de comunicações de serviço público pró-universidade e pró-ciência eficazes.

A inovação desta proposta seria a construção desse processo a partir de mensagens com um apelo estético reconhecível pelo público-alvo da intervenção. A partir dessa amplificação é possível sugerir, acredita-se, que a “inoculação preventiva de mensagens” não deva ser apenas informativa, mas também persuasivamente pensada a partir de uma base estética, evocando elementos emocionais que maximizam a aderência da audiência. Dessa forma, a estética das mensagens teria um papel não apenas na disseminação da desinformação como acontece atualmente, mas também na sua prevenção. O que conduz à experiência centenária de Nicolas Roubakine, pensador marginal da CI contemporânea, que defende em suas proposições uma clara interconexão entre lógica, estética e ética pela via sociocrítica da leitura com a finalidade de rehumanização do sujeito (de integração).

3 TRAVESSIA CRÍTICO-EDUCACIONAL ROUBAKINIANA EM UMA “LINGUAGEM DAS INSINUAÇÕES”

O teórico russo Nicolas Roubakine pautou sua atuação, seja no trabalho bibliotecário, na educação popular ou na popularização científica, numa concepção ampla do conceito de livro onde este é tudo que pode ser lido: desde o próprio objeto livro até manuscritos, discursos, música, pintura e outras expressões do discurso humano (Roubakine, 1998). O livro é também um artefato simbólico, produto de uma vida sócio-histórica, capaz de despertar múltiplos significados a partir dos processos de produção, circulação, mediação, apropriação e uso de saberes, conforme as subjetividades e contextos de quem escreve e lê. Essa visão em aberto deixa espaço para incluir outras formas simbólicas nos processos de conhecimento e expressão que vão além daquelas reconhecidas e validadas hegemonicamente no discurso epistêmico ocidental da CI e de outros campos científicos (como as dos povos originários, por exemplo).

A trajetória roubakiniana, durante a opressão czarista da Rússia imperial da virada do século XIX para o XX, foi marcada pela perseguição política, atuação em movimentos sociais, estudantis e pela publicação de materiais didáticos e escritos críticos ao czar. Roubakine, bibliotecário como sua mãe, Lidija Rubakina (também envolvida com as atividades de educação popular), ainda estudante, em 1875, iniciou a formação de uma biblioteca com cerca de 600 livros. Essa biblioteca particular, acessada via assinatura a um preço mais acessível às camadas desfavorecidas, expandiu-se para permitir um acesso maior ao público: estudantes, intelectuais, professores e professoras de escolas noturnas, classes trabalhadoras e qualquer pessoa que precisasse utilizá-la inclusive no período noturno (Rubakin, A., 1979). Já em 1892, o acervo passou a

sete mil títulos, em 1900, 40 mil títulos e 57 mil exemplares e, em 1907, ano do seu exílio na Suíça, 115 mil exemplares. Ao assumir sua administração, em 1880, ele a transformou em um palco para debates sociais e políticos, e oferta de materiais científicos que, em meio ao regime imperial, aproximaram as massas populares do livro, da autoinstrução, da ciência e da reflexão crítica.

No contexto da educação popular e da popularização da ciência, Roubakine escreveu cerca de 280 livros e panfletos de grande circulação entre as camadas populares russas. Suas obras de temática científica percorreram Matemática, Física, Estatística, Geologia, Biologia, Psicologia, Ciências Sociais, Sociologia, Economia, Política, Direito, História, Religião, Filosofia e Ética. Tanto nas obras impressas legalmente quanto nas impressas ilegalmente (já que muitos de seus escritos foram censurados), utilizou-se de uma linguagem acessível para tecer críticas ao regime vigente e estimular a luta pela liberdade que, segundo seu filho, através de analogias e exemplos, era uma “linguagem das insinuações, compreensível apenas para quem sofre desse sistema” (Rubakin, A., 1979, p. 45, tradução nossa).

As informações da época sugerem que Roubakine antecipou, na transliteração dos estudos acadêmicos tradicionais para a linguagem cotidiana acessível ao trabalhador, estratégias semelhantes à proposta de inoculação de mensagens (Cook; Lewandowski; Ecker, 2017), demonstrando amplo conhecimento das bases bio-psico-sociais do fenômeno informativo (Paula, 2021) para manejar as dimensões estéticas, éticas e lógicas da informação em estratégias comunicativas.

Esse conhecimento é demonstrado na concepção de que existem cinco princípios compreensivos fundamentais das relações psíquicas entre quem escreve e quem lê (Roubakine, 1998). Estes, numa realidade socialmente

construída, podem contribuir para a compreensão objetiva dos processos de leitura e seus impactos, especialmente na educação popular, considerando o livro como um objeto social, histórico e político. Ao evocarem valores como verdade e justiça social através do contato do leitor com o objeto lido (com as ideias da pessoa autora e toda a vida sócio-histórica que circundou a construção da obra) poderiam fazer esses valores ressoarem na relação com a realidade social e as concepções que se faz dela. Assim, esses princípios condutores de ações (ou, como ele os denomina, leis), que têm uma notável semelhança com os componentes da concepção aristotélica de retórica (Aristóteles, 2011) anteriormente citados, seriam (Roubakine, 1998, p. 43):

1. Lei de Humboldt-Potebnia: todo artefato informacional (um objeto passível de ser lido) é um instrumento simbólico de excitação de experiências psíquicas e não, exatamente, de transmissão de mensagens literais. Por despertar sensações e reações já presentes em quem o lê, o significado de uma mesma palavra e a apropriação de um mesmo livro podem ser diferentes conforme as particularidades dos atores envolvidos e das condições sociais que circunscrevem os processos de leitura, podendo despertar no leitor as ideias mais diversas possíveis. Muitos anos depois, Paula (2012) observou um alinhamento semelhante entre os contextos individuais dos professores de um departamento universitário, o contexto coletivo e as diferentes interpretações que eles faziam das comunicações compartilhadas;
2. Lei de Hennequin: todo artefato informacional exercerá a ação proporcionalmente mais forte sobre o leitor cuja organização psíquica for mais similar ao estado psíquico de quem formulou a mensagem compartilhada;

3. Lei de H. Taine: ao interagir com o objeto lido ao longo das experiências de leitura, o leitor estaria se relacionando não com o artefato propriamente dito, mas sim com a experiência compartilhada entre ele e a autoria - assim, havendo uma experiência de vida em comum, os efeitos dos materiais lidos podem se repetir em diferentes sujeitos;
4. Lei de Tarde: quanto maior a proximidade entre os pensamentos, sentimentos, emoções, processos de ação e comportamentos dos indivíduos, mais fácil será para esses mesmos sujeitos transmitirem uns aos outros suas perspectivas; e
5. Lei de Mach: é possível conduzir a uma maior aproximação psíquica entre a mentalidade do autor e do leitor se for feito o uso de palavras selecionadas justamente para obter o máximo de utilidade das ideias, emoções e intencionalidades que aquele que escreve deseja transmitir.

Diante da realidade desigual imposta à classe trabalhadora russa, restringida de suas possibilidades de conhecimento, tempo e acesso à instrução, a aplicação desta quinta lei foi fundamental para a operacionalização dos quatro princípios anteriores na criação de materiais educativos capazes de alcançar as massas populares afastadas das condições de instrução formal adaptando a mensagem às suas realidades, habilidades cognitivas e linguagens, ou seja, às suas leituras do real, em um esforço que o aproximaria, décadas depois, da pedagogia crítica de Paulo Freire (2015) e de suas ações de incentivo a um processo educacional reflexivo e orientado para a emancipação.

As ações educomunicativas empreendidas por Roubakine, a partir dessas premissas, visavam uma reação contra o que ele considerava um sistema de ensino tendencioso atuante segundo os interesses das estruturas hegemônicas de poder que à época, pretendia criar uma “massa de manobra” equivalente ao

que hoje acontece dentro de um projeto de precarização. Ali, como aqui, operam processos de produção, circulação (incluindo a censura a obras contrárias ao governo) e utilização do livro (e, simbolicamente, do discurso de e sobre o real) articulados pelos detentores dos meios de controle na busca por consolidar na vida social as ideias de interesse das camadas que, naquele momento, detinham o poder e enxergavam na leitura crítica um risco à sua dominância política e econômica.

A proposta roubakiniana de atuação na área de educação popular (percorrer vilarejos para dar palestras e aulas em escolas noturnas), bem como suas obras de popularização científica, cumpriram um propósito de combate a essas dinâmicas hegemônicas de ensino completamente afinado com os desafios propostos para a realidade atual. Em meio a opressão, Roubakine utilizava estratégias de comunicação que não falavam diretamente sobre o contexto de opressão, mas que traziam analogias de outros países sobre acontecimentos muito próximos, justamente para alcançar aqueles que sofrem desse sistema, mas que, por estarem imersos nele, muitas vezes não conseguiam identificar os grilhões que os prendiam. Assim, ele usava uma “linguagem das insinuações” para penetrar barreiras ideológicas (Rubakin, A., 1979), ou, numa linguagem contemporânea, de inoculação de mensagens (Cook; Lewandowski; Ecker, 2017).

Roubakine (1998), ao formular suas cinco leis da bibliopsicologia, acreditava que, embora um livro tenha uma intencionalidade projetada pela autoria, ele pode gerar interpretações diversas no leitor, conforme suas próprias configurações psíquicas, éticas, emocionais e lógicas. Ele utilizou as condições impostas pelo sistema opressor da época, publicando materiais educacionais e científicos dentro dos limites da censura, e concebeu o livro como símbolo da

interação sujeito-realidade, além de ser um instrumento de acesso ao conhecimento e à transformação social. Isso sugere novas perspectivas sobre a circulação da informação e sobre a ciência em si. As interpretações promovidas por uma linguagem científica simples e acessível, dirigida a oprimidos pelo sistema, pareciam subverter a “intenção original” da obra, instigando reflexões críticas nas entrelinhas. Sem mencionar explicitamente os acontecimentos na Rússia czarista, tais reflexões fomentariam, na visão roubakiniana, o desenvolvimento de uma consciência crítica coletiva que, aliado a outros esforços de libertação das massas oprimidas, poderia contribuir para a queda da autocracia imperial.

Uma discussão extremamente atual, que ressoa com a descrição de Compton *et al.* (2021) quanto à maneira como determinados conteúdos se propagam com base na ressonância afetiva e que permite especular sobre como se pode, a partir da teoria da inoculação, argumentar que mensagens profiláticas devem incorporar elementos estéticos e emocionais, de forma a competir com as narrativas que exploram apenas o engajamento afetivo sem compromisso ético.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia comunicativa utilizada por Roubakine, incrementada por seus cinco princípios, produziu ações profundamente carregadas de um teor estético e possíveis de mobilizar a agência dos sujeitos rumo a posicionamentos éticos capazes de despertá-los para uma perspectiva crítica em relação ao despotismo, à violência, à arbitrariedade, e às desigualdades e opressões de seu tempo. Essas ideias, surpreendentemente, encontrarão eco, muitos anos mais tarde, nas proposições de McGuire (1989), segundo as quais mensagens

persuasivas eficazes são aquelas que despertam envolvimento emocional e são processadas em nível central, levando à internalização e ao engajamento ativo com o conteúdo.

Como lembrou Freire (2015), para alcançar mudanças essenciais na relação com a sociedade, urge que se considere o sentido profundo da palavra “comunicação”. Somente assim será possível encontrar bases mais sólidas e eficazes para as propostas de diálogo entre a universidade e a comunidade. Afinal, numa perspectiva freiriana, o diálogo é a ferramenta de transformação mais potente para a humanização do mundo.

Essa proposta se alinha ao ideário da participação ativa das universidades públicas num projeto de *Futures Literacy* (FL) – “Letramento para o Futuro”, proposto pela UNESCO em 2019, conceito que sugere uma apropriação e recriação crítica do passado no presente, ressignificando-o para atribuir uma causa ao futuro a partir da ação *hic et nunc*. Ao entenderem o papel que o futuro desempenha na transformação da realidade atual, é proposta a visão de que, mesmo que o futuro não exista (ainda), é possível tornar as pessoas capazes de imaginá-lo de maneiras diferentes e cientificamente embasadas.

Para os estudos históricos e epistemológicos da CI, a bibliopsicologia de Roubakine demonstra, uma vez mais, a necessidade de se pensar a História de forma não-linear, oferecendo caminhos teórico-metodológicos para dilemas contemporâneos, ainda não discutidos em profundidade pela comunidade acadêmica centralmente anglófona.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Inny Bello; NASCIMENTO, Luciane da Silva; COSTA, Kleyton da. O “estranho casamento” entre ultraneoliberalismo e ultraconservadorismo e os ataques à universidade pública. **Revista Trabalho Necessário**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 42, p. 1-33, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v20i42.53425>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/53425>. Acesso em: 30 jun. 2024.

ADAMS, Frederick. The informational turn in Philosophy. **Minds and Machines**, Berlin, v. 13, n. 4, p. 471-501, nov. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1026244616112>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1026244616112#citeas>. Acesso em: 30 jun. 2024.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGNATI, Luigi Francesco *et. al.* Does the human brain have unique genetically determined networks coding logical and ethical principles and aesthetics?: from Plato to novel mirror networks. **Brain research reviews**, Amsterdã, v. 55, n. 1, p. 68-77, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.brainresrev.2007.03.008>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165017307000562?via%3Dihub>. Acesso em: 30 jun. 2024.

ARES, Graziela *et. al.* Memória e desinformação: os ataques da extrema-direita às universidades brasileiras. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 73, p. 53-66, 2022. DOI: <https://doi.org/10.23906/ri2022.73a05>. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/101117>. Acesso em: 30 jun. 2024.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Edipro, 2011.

ARONSON, Elliot. **O animal social**: introdução ao estudo do comportamento humano. Tradução de Noé Gertel. São Paulo: Ibrasa, 1986.

BARZEGAR, Ali; TAQAVI, Mostafa; SHAFIEE, Afshin. Zeilinger on information and reality. **Foundations of Science**, Berlin, v. 26, n. 4, p. 1007-1019, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10699-020-09696-8>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10699-020-09696-8#citeas>. Acesso em: 30 jun. 2024.

BATOR, Renee; CIALDINI, Robert. The application of persuasion theory to the development of effective proenvironmental public service announcements. **Journal of Social Issues**, [S. l.], v. 56, n. 3, p. 527-542, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00182>. Disponível em: <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/0022-4537.00182>. Acesso em: 13 abr. 2025.

BHANDARI, Upasna; CHANG, Klarissa; NEBEN, Tillmann. Understanding the impact of perceived visual aesthetics on user evaluations: an emotional perspective. **Information & Management**, [S. l.], v. 56, n. 1, p. 85-93, jan. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.im.2018.07.003>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRUDERMAN, Eli. The nature of aesthetic manipulation in consumer culture. **South African Journal of Philosophy**, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 210-223, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/02580136.2016.1172750>. Acesso em: 01 jun. 2024.

COMPTON, Josh. Inoculation theory. In: DILLARD, James Price; SHEN, Lijiang (ed.). **The SAGE handbook of persuasion: developments in theory and practice**. 2. ed. [S. l.]: Sage Publications, Inc., 2013. p. 220-237.

COMPTON, Josh *et al.* Inoculation theory in the post-truth era: extant findings and new frontiers for contested science, misinformation, and conspiracy theories. **Social and Personality Psychology Compass**, [S. l.], v. 15, n. 6, p. e12602, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/spc3.12602>. Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/spc3.12602>. Acesso em: 13 abr. 2025.

COOK, John; LEWANDOWSKY, Stephan; ECKER, Ullrich. Neutralizing misinformation through inoculation: exposing misleading argumentation techniques reduces their influence. **PloS one**, São Francisco, v. 12, n. 5, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0175799>. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0175799>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CRISTO, Veronica Reis. **Narrativas para uma comunicação pública nas universidades**: um estudo em três universidades públicas paulistas. 2024. 216 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-13052024-153929/pt-br.php>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CUPCHIK, Gerald. Emotion in aesthetics and the aesthetics of emotion. *In*: LOCHER, Paul; MARTINDALE, Colin; DORFMAN, Leonid (ed.). **New directions in aesthetics, creativity and the arts**. London: Routledge, 2020. p. 209-224.

DEBETTO, Fernanda do Valle Galvão; MENEZES, Vinícios Souza de; SALDANHA, Gustavo Silva. Os afetos nos artefatos da razão: caminhos críticos da verdade no Antropoceno. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 01-17, 2022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5946>. Acesso em: 15 set. 2024.

FESTINGER, Leon; RIECKEN, Henry; SCHACHTER, Stanley. **When prophecy fails: a social and psychological study of a modern group that predicted the destruction of the world**. New York: Harper Torchbooks, 1964.

FRANSEN, Marieke; SMIT, Edith; VERLEGH, Peeter. Strategies and motives for resistance to persuasion: an integrative framework. **Frontiers in psychology**, Lausanne, v. 6, ago. 2015. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01201>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2015.01201/full>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FROEHLICH, Thomas. A not-so-brief account of current information ethics: the ethics of ignorance, missing information, misinformation, disinformation and other forms of deception or incompetence. **BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentació**, Barcelona, n. 39, dez. 2017. DOI: <https://dx.doi.org/10.1344/BiD2017.39.7>. Disponível em: <https://bid.ub.edu/en/39/froehlich.htm>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FROEHLICH, Thomas. The role of pseudo-cognitive authorities and self-deception in the dissemination of fake news. **Open Information Science**, Berlin, v. 3, p. 115-136, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1515/opis-2019-0009>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/opis-2019-0009/html>. Acesso em: 30 jun. 2024.

GAI, Maria Julia Pegoraro *et. al.* Perspectivas teóricas dos estudos sobre agency: uma revisão integrativa. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 27, n. 3, p. 311-321, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20220029>. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/epsic/article/view/24416>. Acesso em: 30 jun. 2024.

HASWANI, Mariângela Furlan. Diferenças: comunicação estatal/governamental não é apenas pública. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: PUC MINAS, 2023.

HUDDY, Leonie; GUNNTHORSDOTTIR, Anna. The persuasive effects of emotive visual imagery: superficial manipulation or the product of passionate reason? **Political Psychology**, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 745-778, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1111/0162-895X.00215>. Acesso em: 01 jun. 2024.

KIRYUSHCHENKO, Vitaly. Logic, ethics and aesthetics: some consequences of Kant's critiques in Peirce's early pragmatism. **European Journal of Pragmatism and American Philosophy**, Paris, v. 3, n. III-2, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/ejppap.849>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ejppap/849>. Acesso em: 30 jun. 2024.

KUNSCH, Margarida. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. São Paulo: Summus, 2003.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. Em busca de uma fundamentação para a Memética. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, p. 187-210, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732013000100011>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/2922>. Acesso em: 16 set. 2024.

LELIS, Samia; CARVALHO, Célia Maria da Silva. O impacto dos textos noticiosos no site da Universidade Federal do Amazonas em sua imagem institucional. **Conexões**: revista de relações públicas e comunicação organizacional, Manaus, v. 6, p. 97-120, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/conexoes/article/view/11986>. Acesso em: 30 jun. 2024.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MCGUIRE, William. Theoretical foundations of campaigns. **Public communication campaigns**, [s.l.], v. 2, p. 43-65, 1989.

MILLER, Stuart; SAUCIER, Donald. Individual differences in the propensity to make attributions to prejudice. **Group Processes & Intergroup Relations**, Thousand Oaks, v. 21, n. 2, p. 280-301, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/1368430216674342>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1368430216674342>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MOSTAFA, Solange Puntel. Ainda sobre metodologia. **Revista da Escola de Biblioteconomia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 171-201, 1986. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36632>. Acesso em: 13 abr. 2025.

OLIVEIRA, Édison Trombeta de. Boletim da Diretora: acertos e erros na comunicação organizacional da UNESP, campus de Presidente Prudente-SP. **Cambiassu: Estudos em Comunicação**, São Luís, v. 19, n. 14, p. 125-141, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/3506>. Acesso em: 01 jun. 2024.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. esp., p. 118-132, out. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/12539>. Acesso em: 14 jun. 2024.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Uma epistemologia genética dos ecossistemas de desinformação? Problema interdisciplinar/resposta transdisciplinar. **Palavra Clave**, La Plata, v. 10, n. 2, p. 1-14, abr./set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.24215/18539912e122>. Disponível em: <https://www.palavraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCe122>. Acesso em: 15 jun. 2024.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Ciência da informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares. *In*: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (org.). **Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento**. Natal: EDUFRN, 2006. p. 111-141.

REZIO, Leonardo Luiz de Souza; SILVA, Magno Luiz Medeiros da. Discurso anti-ciência: a desinformação como estratégia de ataque à produção científica.

Revista UFG, Goiânia, v. 20, n. 26, p. 1-26, 2020. DOI:

<https://doi.org/10.5216/revufg.v20.66366>. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/66366>. Acesso em: 01 jun. 2024.

ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale de Bibliologie, v. 1, 1998.

RUBAKIN, Aleksandr Nikolaevich. **Rubakin**: lotsman knijnogo moria [Rubakin: piloto do mar dos livros]. [Moskva]: Molodaia Gvardiia, 1979.

SCHNEIDER, Marco. **A era da desinformação**: pós-verdade, fake news e outras armadilhas. Rio de Janeiro Garamond, 2022.

SILVA, Juremir Machado da. O paradoxo da ideologia. **Matrizes**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 45-56, jan./abr., 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v15i1p45-56>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/180203>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**: esboços para um conceito. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SINHORETTO, Jacqueline. O governo contra a ciência: anti-intelectualismo, autoritarismo e universidades públicas. **Áskesis**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 38-51, 2022. DOI: <https://doi.org/10.46269/11EE22.791>. Disponível em: <https://revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/791>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SOTELLO, Fernanda; HACK NETO, Eduardo; DAMKE, Elói Junior. Imagem institucional: avaliação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) segundo o público interno e externo. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, Florianópolis, v. 11, n. 3, p. 281-304, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2018v11n3p281>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2018v11n3p281>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SOUZA, Gabriel Antonio Ferreira de. **Análise de conteúdo sobre a comunicação pública e a divulgação científica na seção de notícias no site da Fiocruz**. 57 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38279>. Acesso em: 01 jun. 2024.

STONIER, Tom. Information as a basic property of the universe. **Biosystems**, Madri v. 38, n. 2-3, p. 135-140, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0303-2647\(96\)88368-7](https://doi.org/10.1016/0303-2647(96)88368-7). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0303264796883687>. Acesso em: 30 jun. 2024.


TOMÁS, Renata Nobre; TOMÁS, Lorena Maria Nobre; ANDREATA, Elaine Pereira. Da depravação ao desperdício de recursos: estratégias de desconstrução da universidade pública em redes de fake news. **Verbum: Cadernos de Pós-Graduação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 141-166, set. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50747>. Acesso: 01 jun. 2024.

UNESCO. **Futures Literacy**. Paris: Unesco, 2019. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/futures-literacy>. Acesso em: 01 jun. 2024.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEBER, Max. Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. **Lua Nova**, São Paulo, n. 55-56, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/XMzjFJLswVVT7V63rfyH5vw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jul. 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Belo Horizonte: PUC MINAS; São Paulo: Boitempo, 2016.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



 tpbci@ancib.org

 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)